

Infarto e derrame *saúde* crescem em 2 regiões

Nordeste e Centro-Oeste têm aumento de até 70% nos casos

RAPHAEL GOMIDE
REPÓRTER DO JB

A lógica da saúde brasileira contraria a tendência natural de evolução em duas regiões brasileiras. Apesar do progresso da medicina e da melhoria das condições de vida nas últimas décadas, o Nordeste e o Centro-Oeste apresentam aumento nas taxas de mortes por doenças cardiovasculares, que representam 28% do total de óbitos no Brasil. Estudo da Universidade de São Paulo (USP) revela um surpreendente crescimento da incidência de óbitos decorrentes de infartos e derrames em quase todas as faixas etárias estudadas nas regiões, entre 1979 e 1996.

Nas outras, há considerável redução percentual de casos em todas as idades, tanto para homens quanto para mulheres. No total, o país diminuiu em um quinto as mortes por esse motivo – o que se deve ao peso populacional do Sudeste e do Sul. As principais quedas proporcionais ocorrem nas regiões mais desenvolvidas do país – Sudeste e Sul – que, entretanto, continuam a liderar com folga o ranking de incidência de mortes por 100 mil habitantes. O crescimento da região Centro-Oeste a coloca na terceira posição, seguida da Norte e da Nordeste.

A equipe que fez o trabalho, formada por professores da USP e ligada ao Hospital das Clínicas, baseou-se em dados oficiais de mortes entre 1979 e 1996 para escrever



a pesquisa *Tendências do Risco de Morte por Doenças Circulatórias nas Cinco Regiões do Brasil no Período de 1979 a 1997*. De acordo com o Ministério da Saúde, 3,76 milhões de brasileiros morreram nesse período tendo como "causa básica" infartos e derrames.

É considerável o aumento na incidência de derrames nas regiões Centro-Oeste e Nordeste entre 1979 e 1996. Os maiores crescimentos ocorreram nas faixas etárias entre 60 e 69 anos – 21% e 25% –, entre os homens, e entre 40 e 49 anos – 21% e 21% –, entre as mulheres.

Mas é nos casos de infartos que os números disparam, especialmente entre as mulheres. O estresse provocado pela maior inserção feminina no mercado de trabalho pode ser

um dos principais motivos para essa elevação nas taxas. No Nordeste, o aumento em relação a 1979 chega a 70%, entre as mulheres de 40 a 49 anos, e a 63% entre as de 60 a 69 anos (no Centro-Oeste, o recorde é 59% de acréscimo, no mesmo grupo). Entre os homens, o crescimento não foi tão alto, porém tampouco é desprezível. Em todas as faixas, os números nordestinos superam os demais, chegando a 60%, entre os sexagenários.

Entre os motivos arrolados pelos pesquisadores para a constatação do aumento nas duas regiões, estão a melhora no diagnóstico da morte, a urbanização das regiões citadas e a mudança da condição socioeconômica delas.

rgo@jb.com.br

Médica aponta falta de campanha

Para a pesquisadora e epidemiologista Fátima Marinho, coordenadora do estudo, os resultados deixam evidente a falta de uma política pública eficaz para as doenças cardiovasculares. "Todos sabem o que é preciso fazer para diminuir a incidência de casos, mas não existem campanhas oficiais de prevenção."

Na opinião dela, as mortes decorrentes de infartos e derrames seriam facilmente diminuídas com a divulgação maciça de informações a respeito das doenças.

Os principais fatores de risco são hipertensão, estresse, colesterol alto, obesidade, má alimentação, fumo, sedentarismo – que podem ser atenuados com campanhas de esclarecimento e acompanhamento médico. "No caso da hipertensão, principal causa dos derrames, o controle é ainda mais fácil, porque são conhecidos os fatores de risco. Campanhas de prevenção para doenças cardiovasculares salvariam muito mais vidas que programas para outras enfermidades cuja prevenção é mais difícil – como o câncer, por exemplo", diz a médica.

Ela explica que a diferença entre as regiões segue uma tendência mundial. "Aconteceu fenômeno semelhante entre os países do Leste Europeu, menos desenvolvidos, e nações ricas, onde é maior a consciência da população quanto à necessidade de cuidar da saúde para evitar problemas." (R.G.)